



ADULTOS PERFEITOS

Quando eu era criança, achava que os adultos eram perfeitos. Que sabiam exatamente o que estavam fazendo e as conseqüências que teriam seus atos.

Sempre ouvia minha mãe dizendo o que era certo e o que era errado. Eu me iludia, dia após dia.

Em minha adolescência, ansiava por completar dezoito anos, pois acreditava que a partir dali eu também saberia distinguir o que era bom pra mim e para os outros, e o que era ruim para ambos. Eu achava que a transformação ocorreria como a do milho que se transforma em pipoca, uma mudança rápida, instantânea. Ilusão como a de comer a maçã proibida do Jardim do Éden.

Hoje, passaram-se quase seis anos desde que completei dezoito. Já aprendi, ao longo de todo este tempo, que o amadurecimento de nossas decisões é lento e imperceptível, e que quando notamos, ele já aconteceu, como o desabrochar de um botão de rosa.

Eu também já sei hoje, que os adultos erram. Que, na maioria das vezes, desconhecem as conseqüências de seus atos, e que ainda muitas e muitas vezes não se preocupam se suas decisões são boas para os outros, principalmente se forem boas para si mesmo.

Descobri que nem sempre o que é bom para mim, também é bom para o outro, e que a barreira entre ser egoísta ou ser bonzinho até demais é muitíssimo estreita.

Aprendi que as decisões são muito mais complexas do que apenas dizer o que é certo ou errado, mas que aquelas lições que minha mãe me ensinava na infância eram a base dos meus princípios por toda a vida.

Agora eu sei que é difícil ser adulto, que é difícil saber o que é o melhor para minha vida, e ainda posso imaginar o quanto é complicado transmitir a uma criança o que é certo ou errado, pois é preciso considerar o tempo, o espaço, o ambiente.

Enfim, descobri que adultos perfeitos não existem, que eram apenas lendas da minha infância.

Denise Ferreira Chimirri
26.03.2008